

6

O Fio da Navalha

Por que oferecer atendimento psicológico para crianças numa favela? Porque a favela foi constituída, historicamente, como um lugar para os excluídos. Ela reflete a incapacidade da sociedade contemporânea de dar conta de sua população e do próprio homem, de dar conta de si. O favelado, quando assim nomeado, é dessubjetivado, des-singularizado, destituído de lugar, de reconhecimento, ele é despido de sua humanidade. Para estas pessoas, ser cidadão é enfrentar o olhar torto dos outros ou andar de cabeça baixa, rezando para não te mandarem parar.

A favela é um território desvalorizado que provê o sujeito com um sentimento de baixa-estima. Como colocado por Vilhena (2003), o sujeito desqualificado socialmente sente dificuldades para se estabelecer em suas relações, seja como autoridade familiar, ou como cidadão. Com isso, o sentido de ancestralidade e de pertencimento da criança nascida e criada neste território vem com esta marca de desqualificação e não de orgulho, integridade.

Nas favelas do Rio de Janeiro, a crescente presença do poder público ainda não solucionou a presença do poder do tráfico e os embates entre estes dois poderes acarretam o confinamento, um retraimento da vida social que levam a uma diminuição das redes de sociabilidade e solidariedade (Zamora, 1999). O confinamento interfere na circulação dos habitantes da cidade e as segmentações vão se enrijecendo. A convivência, que poderia diminuir a insegurança causada pelas diferenças, não acontece. Isto aumenta a intolerância às diversidades e provoca uma estagnação na população, que fica segmentada em grupos pouco diversificados e assim, pouco estimulantes. Na sociedade atual, calcada nos valores do individualismo e da sociedade de consumo, tiramos o direito de ser dos pobres, o que ficou demonstrado nas falas “quem nasce no morro não tem sonho”

e “ele acha que vai poder ser alguma coisa”. Ser pobre, na sociedade contemporânea é estar errado e merecer a exclusão.

Vilhena (2008) ressalta que a visibilidade é fundamental para o sentido de existência do sujeito. Existir é ser reconhecido, é apresentar sua própria imagem no espaço público. Quando alguém não é visto, não existe, está fora do público, conseqüentemente, do político. A autora afirma que o estigma e o preconceito provocam a invisibilidade, a singularidade do indivíduo é negada e ele é destituído de todo seu valor. O estigma é encarado como um fato naturalizado, ‘é pobre porque é preto, é bandido porque é pobre’, sendo assim, nada pode ser feito.

Um triste resultado deste estado de coisas é o fato do Brasil e do Rio de Janeiro ocuparem posições de destaque nos rankings de violência contra jovens. No Mapa da Violência IV, divulgado pela Unesco em 2004 sobre dados de 1993/2002, o Rio de Janeiro ocupava o primeiro lugar em número de homicídios na população geral e entre os jovens de quinze a vinte e quatro anos¹. Dados de 1994/2004 colocaram o Rio de Janeiro em terceiro lugar no índice geral, porém, apesar de apresentar uma queda no número, continuou em primeiro lugar na taxa de homicídios entre a população jovem. Nesta pesquisa, o Brasil apareceu em primeiro lugar, entre sessenta e cinco países, no número de jovens mortos por armas de fogo². A diferença no número de homicídios entre jovens negros e brancos, entretanto, não diminuiu. Nos dados de 2002, o número de jovens negros mortos foi 74% maior que o de brancos e, em 2004, o número foi 85% maior. Em 2005, o Brasil apareceu em quarto lugar num ranking de oitenta e dois países. Uma das conclusões desta pesquisa atribui a queda na taxa de homicídios a campanhas e projetos, que segundo os analistas, deveriam ser permanentes e realizados, principalmente, em escolas³.

Vivemos no império do medo, onde solidariedade, confiança e segurança são meras utopias. O homem abandonou seu sentido de coletividade e busca sobreviver sozinho. O medo dispensa ameaças concretas para ser sentido, paradoxalmente, precisa de um rosto para ser procurado (Bauman, 2008). O pobre que já está errado e mora na favela é então responsabilizado pela criminalidade. Um alvo claro torna mais fácil o tiro.

¹ Publicado no jornal O Globo em 08 de junho de 2004.

² Publicado no jornal O Globo em 17 de novembro de 2006.

³ Publicado no jornal O Globo em 26 de novembro de 2008.

Winnicott ressalta a importância da mãe na unidade que esta compõe inicialmente com seu bebê e do ambiente que envolve esta unidade para o desenvolvimento do sujeito. A motilidade do feto pode ser um ataque à mãe, mas, se ela sobrevive, na fase da dependência absoluta, ele tem como reparar o mal que pensa estar causando. A reparação representa o início da capacidade da criança em compreender a responsabilidade por seus atos e pensamentos. Quando o ambiente falha e não há a reparação, mas, apesar disso, ainda há alguma saúde, os sentimentos de loucura e desintegração gerados por um objeto interno fragilizado pela falha ambiental podem levar à uma compulsão por atos anti-sociais. É uma tentativa de atingir algum objeto, algum limite, que traga novamente contorno e acolhimento para os mundos interno e externo. Nestes casos, a agressividade, que começou como gesto espontâneo, pode se transformar em violência.

Existe uma falha social que se sobrepõe a esta primitiva falha ambiental e que pode fertilizá-la, pois existe um território que circunscreve o ambiente materno primário. A criança agirá no meio de acordo com os instrumentos que forjou em seu primeiro ambiente e de acordo com as respostas que obtiver deste meio. O desenvolvimento implica em um manejo constante. A clínica é necessária porque, para alguns, a falha primitiva deve ser olhada para que ele possa se recuperar da falha social. Outros, se tiverem a chance de suprir a falha social, desenvolvendo suas aptidões, afetivas, físicas, artísticas ou profissionais, vão se ‘reparando’ da falha ambiental.

Algumas das crianças que moram em favelas podem preencher o quadro da invisibilidade ‘natural’. Nasceram num território que dessubjetivou seus pais, que não são reconhecidos como cidadãos-consumidores e vivem uma insegurança pública e privada que não os permitem ocupar seu lugar simbólico e protegerem seus filhos, dizendo simplesmente que nada vai acontecer. São mães e pais ancorados num ambiente que não oferece suporte para que ocupem seus lugares de autoridade. Com isso, funções materna e paterna podem ficar comprometidas e a criança não viverá de uma forma suficientemente boa sua passagem da dependência absoluta para a dependência relativa e não constituirá seu espaço transicional como uma área de repouso. Estas crianças, quando procuram pelo olhar que as fariam existir, mas que lhes faltou, podem vir a se expressar através de atos anti-sociais, pois estão inseridas numa cultura na qual os limites simbólicos que elas almejam, estão fragilizados e os limites que elas encontram

são reais e, na maioria das vezes, se inscrevem pela violência; ou seja, a transgressão, a violência, são ações que aparecem. As crianças querem ser vistas. O circo está armado.

A criança ataca o ambiente roubando e mentindo, ou responsabilizando-se precocemente por seus atos de uma forma tirânica. A afirmação de Dowdney (2003) sobre as crianças do tráfico não estarem na escola e não apresentarem um histórico de estabilidade familiar, sem exceção, mostra como estes dois ambientes falharam em oferecer a estas crianças o limite e o reconhecimento simbólico de que elas necessitavam. A criança procura os seres humanos crescidos, adaptados, responsáveis, maduros, seguros e confiantes dos quais precisa. Ao que parece, nem as crianças, nem a sociedade encontram mais estas pessoas, não na quantidade necessária. A busca de pertencimento pela violência é a afirmação de uma filiação perdida. A criança busca escrever a própria história, já que a anterior não vale a pena.

Por isso, é importante atender as crianças moradoras das favelas. O trabalho clínico tem a possibilidade de oferecer um ambiente facilitador para que os sujeitos percebam que podem desejar e fazer escolhas em sintonia com seu desejo. Para que isso aconteça, a técnica vai sendo ajustada entre cada psicólogo e cada paciente. O espaço terapêutico é um espaço compartilhado, não seria possível dar sem receber. Nós damos nosso tempo, nossa presença, nosso holding e, com isso, possibilitamos o reconhecimento de alguém antes encolhido em sua realidade confinada, não compartilhada. O espaço da terapia é onde se dá a interação entre as realidades, de paciente e terapeuta, e é onde estas realidades são humanizadas. E o que recebemos? O prazer no olhar e no riso de uma criança quando ela está se sentindo bem com ela mesma. O prazer de ser sujeito e cidadão.

Como colocado por Bezerra Jr. (1997),

A psicoterapia, além de procurar o sentido que se perdeu e que torna estranhas ao sujeito certas experiências pessoais, opera uma contínua possibilidade de criar novos sentidos os quais, apropriados pelo sujeito, lhe permitem reescrever sua própria história e elaborar projetos (op. cit. p.157).

Percebemos o alcance que a clínica tem neste contexto pelo resultado obtido com algumas crianças e suas famílias, apesar de que não é fácil medir o impacto ou o alcance de um projeto como o Girassol. A 'melhora' psicológica

com crianças até é bem aparente em seus comportamentos, mas daí a ser possível traçar uma linha de resultados conquistados... Quando trabalhamos com gente, de uma forma ética, aprendemos que os passos não devem ser apressados para uma linha de chegada.

A importância de nos inserirmos no território foi alcançar as pessoas que não saem de lá e também vivenciar uma transformação em nosso ambiente. A exposição a um território diferente nos faz passar por mudanças não só geográficas como também subjetivas (Oberg, 2007). Este não é o único trabalho necessário numa favela, mas é o que nós, do Projeto Girassol, sabemos fazer. Fazemos a clínica como ela pode ser, no sentido de que não há modelo a ser repetido e implantado e sim clínica a ser criada, inventada, para que seja adequada aos seus propósitos. Percebemos que, com tudo que era incerto a nossa volta, conseguimos criar um espaço terapêutico que representava um ambiente estável e confiável. Por isso mesmo, não proponho a formatação de um modelo, mas afirmo que é possível e necessário criar maneiras de viver e de trabalhar coletivamente em nossa sociedade.

O Projeto Girassol é um espaço coletivo onde aprendemos a expressar nossas crenças e a ouvir as crenças dos outros. O compromisso com a clínica, a liberdade para pensar e a autonomia para agir, que experimentamos num grupo que nos fornece suporte e confiança, é o que buscamos levar para os atendimentos e para o convívio naquela escola e naquela comunidade. Conviver com a descrença das crianças e de suas famílias em si próprios e no que os cerca não é fácil, mas a nossa presença e a nossa oferta de um espaço de acolhimento para a verdade do outro se mostrou bastante válida e gratificante para eles e para nós.

A ética está presente nas relações onde um e outro se vêem e as diferenças não obscurecem as semelhanças e não servem como uma desculpa para uniformizar, normatizar e excluir. Quando a exceção é necessária para que a norma seja, estamos no registro do real. No registro simbólico, a norma é. Nosso olhar pode nos revelar as diferenças que existem ou rotular e julgar as diferenças que tememos.

Ética é um compromisso com a verdade e, no nosso caso, com o trabalho clínico, que é estar junto, reconhecer e acolher a expressão daquele que nos procura e oferecer um holding, um olhar sem julgamento, que suporte a potência resultante do contato do sujeito com seu desejo e, assim, com sua capacidade de

ação e de transformação. O ambiente precário, miserável, sem recursos, causa um impacto que nos sensibiliza e com o qual nos envolvemos, mas não é disso que o psicólogo clínico deve tratar. Como também relata Aline dos Santos, apesar do impacto, não devemos confundir o trabalho clínico com prática assistencial. “É preciso deixar claro que a moeda de troca corrente no cenário analítico é simbólica” (Santos, 2000, p.77). Os limites impostos pela pobreza, pelo medo e pela violência não devem limitar o trabalho do psicólogo. Pela influência que trazem à subjetividade do sujeito, eles são nosso ponto de partida. Quando a família não é suficientemente boa, a escola não é suficientemente boa, o território não é suficientemente bom, haja resiliência para sobreviver, haja conduta anti-social que prove o contrário, que a vida pode valer à pena.

Ficamos no fio da navalha porque trabalhar num território como a favela nos coloca, ou não nos deixa sair, de nossos lugares de sujeito-cidadão, nos direciona a um questionamento não só técnico, mas também ético e político. Lidamos com o incômodo da pergunta: ‘Qual a nossa implicação na sociedade em que vivemos?’. Corremos o risco de querer fazer sempre mais e nos deixar levar por nossa onipotência, o que invalidaria tudo, uma vez que na onipotência ficamos cegos para o outro. Ao mesmo tempo, enquanto trabalhamos, somos confrontados com questões tão absurdas que seria bem mais fácil abandonar o barco, declarar que tal coisa não é da nossa alçada e atribuir a solução a alguma instância superior. Por algum motivo isto não é possível, pois percebemos que absurdo é o tamanho do sofrimento humano, e permanecemos lá.

Acredito que o fato de todo psicólogo que atende no Projeto Girassol estar em terapia não nos deixa cair na tentação da onipotência, ou pelo menos nos ajuda a sair dela, rapidamente. Cada um, enfrentando seu desamparo, seus limites e frustrações, pode questionar, ou não, porque faz este trabalho.

“Não há caminho senão resistir” (Zamora, 2008, p.113). E quais as formas de resistência que podem ser produzidas na atualidade? Vilhena (1993) coloca que a sociedade adoce quando se esvazia o espaço do político, porque não há reflexão ética sobre o bem comum. A polis é um espaço aberto à discussão, assim como a terapia. Sujeito e cultura precisam de um espaço onde seja possível forjar as transformações necessárias. A clínica não pode ser esvaziada de sua dimensão política (Vilhena e Santos 2000). Não podemos ser neutros, neutralidade significa

abrir mão da ética, resistir é estar envolvido, é se perceber como parte ativa e integrante da sociedade.

Guattari descreveu, em 1970, o trabalho revolucionário de uma forma que hoje, quase quarenta anos depois, eu identifico o trabalho necessário:

O trabalho dos revolucionários não é ser portador de voz, mandar dizer as coisas, transportar, transferir modelos e imagens; seu trabalho é dizer a verdade lá onde eles estão, nem mais nem menos, sem tirar nem pôr, sem trapacear. Como reconhecer este trabalho da verdade? É simples, tem um troço infalível: está havendo verdade revolucionária quando as coisas não te encham o saco, quando você fica a fim de participar, quando você não tem medo, quando você recupera sua força, quando você se sente disposto a ir fundo, aconteça o que acontecer. (Guattari, 1970, p.16).

Quando pergunto na introdução, o que pode oferecer um psicólogo, realizando atendimento clínico, numa favela, a resposta é: podemos oferecer uma relação ética, na qual exista verdade, olhar, respeito, dignidade, confiança, humanidade e, com isso, uma possibilidade de transformação.

Maia (2007) fala da agressividade como uma estratégia de sobrevivência destas crianças que insistem em procurar por um interlocutor perdido, um tipo de sujeito esgotado, mas que elas ainda acreditam ser possível encontrar. Que sejamos uma das possibilidades de interlocução, com projetos que deixam a lógica e a rigidez de lado para alcançar o humano. Toda criança precisa de saúde, educação, lazer e cultura, mas, às vezes, não é possível para algumas aproveitar as oportunidades que têm. Em alguns casos, a terapia oferece um vínculo de confiança, primeiro com o terapeuta, depois com si próprio e depois com a vida, e aí fica possível acreditar nas oportunidades.

Nós subimos o morro e vimos a crueza, a diferença, que a princípio distancia. Da mesma forma que eles, pobres, negros e sem chance, de lá, viram aquela gente branca, rica e loira querendo trabalhar naquela escola. Fomos aprendendo a lidar com a fúria e a desordem de algumas crianças e também de alguns adultos, com uma ausência de limites e uma indiscriminação que, às vezes, até a nós, brancas, loiras e psicólogas, desestruturava.

Que estas crianças possam expressar seu calor, seu valor, que possam ver que não existe um único caminho.